



**PRIMEIRO
MINISTRO**

**ALOCUÇÃO DE SUA EXCELÊNCIA O PRIMEIRO-MINISTRO DA
REPÚBLICA DEMOCRÁTICA DE TIMOR-LESTE,
KAY RALA XANANA GUSMÃO,
POR OCASIÃO DA CONFERÊNCIA INTERNACIONAL SOBRE O TEMA:
INTERFET, REFLEXÕES SOBRE A CRISE DE TIMOR-LESTE EM 1999**

Melbourne

20 de Setembro de 2014

Tenente-General Kiki Syahnakri (Reformado)

Major-General Surasit Thanadtang

Tenente-General Ash Power, AO, CSC (Reformado) (antigo Coronel de Operações da INTERFET)

Major-General Mark Kelly, AO, DSC (Reformado) (antigo Chefe de Estado-Maior da INTERFET)

Major-General Orlando Ambrocio (Reformado) (antigo Comandante da Missão Filipina de Ajuda Humanitária a Timor-Leste)

Major-General Jim Barry, AM, MBE, RFD, ED (Reformado)

Coronel Marcus Fielding (antigo Major de Brigada da Força Ocidental, INTERFET)

Almirante Chris Barrie, AC (Reformado) (antigo Chefe da Força de Defesa da Austrália)

Doutor John Blaxland (antigo Oficial de Informações da Força Ocidental, INTERFET)

Coronel Kevin Burnett, ONZM (Reformado) (antigo Oficial de Comando do Batalhão da Nova Zelândia)

Tenente-General Mark Evans, AO, DSC (Reformado) (antigo Comandante da Força Ocidental, INTERFET)

Coronel Neil Thompson, CSC (Reformado) (antigo comandante da Força de Resposta, INTERFET)

Excelências,
Distintos participantes
Senhoras e senhores,

É para mim um privilégio usar da palavra nesta Conferência que assinala o 15.º Aniversário da chegada da INTERFET a Timor-Leste.

Agradeço à *Military History and Heritage Victoria*, à Escola de Estudos Internacionais, Políticos e Estratégicos, ao Colégio da Ásia e do Pacífico e ao Centro de Estudos Estratégicos e de Defesa da Universidade Nacional da Austrália por co-organizarem este evento.

Esta conferência dá-nos a oportunidade de reflectir sobre os eventos que conduziram à Restauração da Independência de Timor-Leste e ao renascimento ardoroso da nossa nação.

Recorda-nos a força e a determinação do nosso povo e uma altura em que os valores humanos da paz e da liberdade guiavam o comportamento de nações.

Embora saibamos que a crise de 1999 revelou algumas das piores características da humanidade, ela mostrou também o que a humanidade tem de melhor – conforme foi demonstrado pela determinação e força do nosso povo e pela decisão da comunidade internacional em intervir de modo a pôr fim à violência.

Senhoras e senhores,

Quero partilhar convosco a minha perspectiva sobre a crise de 1999 e sobre a necessidade da intervenção da Força Internacional para Timor-Leste, conhecida de forma muito amigável por INTERFET.

Para entender a importância da intervenção da INTERFET é necessário considerar a história da nossa luta pela independência e situar essa luta no contexto de eventos internacionais mais amplos.

Os timorenses tiveram um caminho longo e difícil até à libertação. Durante quase cinco séculos estivemos sujeitos ao domínio colonial português, com várias tentativas de revolta sem sucesso. A maior e a última que a nossa história registou foi a Revolta de Manufahi em 1912, cujo centenário assinalámos em 2012. Este mesmo espírito de resistência foi demonstrado durante a devastadora ocupação do nosso território por parte de forças japonesas durante a Segunda Guerra Mundial.

A Segunda Guerra Mundial foi o primeiro grande evento que juntou timorenses e australianos. A 2/2ª Companhia Independente chegou ao Timor português neutro em Dezembro de 1941, sendo que em Fevereiro do ano seguinte as forças japonesas invadiram o país. A 2/2ª conduziu uma guerra de guerrilha nas nossas montanhas e vales, em muitos aspectos semelhante à que viria a ser conduzida décadas mais tarde pela resistência timorense. Em Setembro de 1942, a 2/4ª Companhia Independente juntou-se à 2/2ª, antes de ambas retirarem para a Austrália entre meados de Dezembro de 1942 e Janeiro de 1943.

Os soldados australianos eram claramente homens corajosos e notáveis. Porém não poderiam ter sido tão eficazes sem o apoio dos milhares de timorenses que arriscaram as suas vidas (e que em muitos casos as perderam) para providenciar alimentos e abrigo, carregar equipamento e agir como guias e batedores para os soldados australianos.

Senhoras e senhores,

Em Abril de 1974 a Revolução dos Cravos pôs fim à ditadura e ao império colonial em Portugal. Isto conduziu ao reconhecimento do direito à autodeterminação das colónias

africanas e de Timor-Leste, pelo que a 28 de Novembro de 1975 declaramos unilateralmente a nossa independência. Nove dias depois fomos invadidos pelas Forças Armadas da Indonésia.

O passado é um sítio muito diferente, e este foi um período de grande tensão internacional no Sudeste Asiático. Os Estados Unidos e a Austrália estavam envolvidos na Guerra do Vietname, em resposta aos medos ocidentais sobre a propagação do comunismo. Até finais de 1975 a guerra tinha sido perdida e governos comunistas subiram ao poder no Vietname, no Camboja e no Laos.

À semelhança de tantos povos a viver em países pobres espalhados pelo mundo, os timorenses também se tornaram vítimas da Guerra Fria. O nosso povo foi esquecido pelas grandes potências ocidentais, as quais deram luz verde a Soeharto para invadir Timor-Leste e, durante duas décadas, permaneceram em silêncio ou apoiaram mesmo a nossa anexação.

Assim, durante 24 anos travámos uma guerra sem qualquer apoio militar externo, ao passo que algumas nações desenvolvidas forneciam armas, tanques, meios aéreos e treino militar às forças ocupantes para destruir a resistência do pequeno e mal equipado exército de guerrilha que contava com menos de 1.500 elementos. Ao contrário do que acontecia com outras lutas de libertação na África e na Ásia, não possuíamos uma fronteira terrestre com um país amigo ou com um fornecedor externo de armas. Estávamos literalmente a combater sozinhos, dependendo apenas das nossas capacidades para contrariar as operações de aniquilação.

Todavia a nossa estratégia visava lutar não só nas nossas terras, como também nos corações e nas mentes do público internacional. Levámos a nossa campanha junto de países espalhados pelo mundo e das Nações Unidas. As nossas armas nesta campanha incluíam artigos de jornais e de revistas, fotos, filmes, palestras públicas e manifestações. Criámos um dos maiores movimentos de solidariedade no mundo inteiro.

Um aspecto importante é que levámos também a nossa campanha junto da Indonésia. Nunca considerámos o povo indonésio como nosso inimigo, já que sabíamos que também ele sofria sob uma ditadura que, ironicamente, era uma boa aliada das potências ocidentais. Priorizámos o desenvolvimento de relações de solidariedade, incluindo com o movimento pró-democracia dentro da Indonésia.

Senhoras e senhores,

Tivemos a sorte de poder contar com o apoio de muitos australianos. Sabíamos que, apesar das políticas injustas de sucessivos governos australianos, o povo australiano não apoiava a ocupação ilegal do nosso país. Muitos activistas de movimentos de solidariedade australianos sofreram actos de intimidação, porém continuaram a apoiar-nos.

Temos para com eles uma grande dívida, uma vez que sem o seu apoio eu não estaria aqui hoje e Timor-Leste não seria uma nação independente. Honramos muitos deles com a Ordem de Timor-Leste.

Os falecidos Brian Manning e Dennis Freney foram duas das pessoas honradas muito recentemente, numa cerimónia realizada no Palácio Presidencial em Díli.

O Brian Manning, juntamente com outros apoiantes australianos, garantiu que tivéssemos seis transmissores de rádio que permitiram à resistência comunicar com o mundo exterior. Esta operação era ilegal na Austrália e continuou até ao final de 1978, altura em que o nosso transmissor de rádio foi capturado, pondo assim fim à única ligação entre o mundo exterior e a resistência. Em 1984, porém, recebi um novo transmissor de rádio que nos permitiu restabelecer a ligação com Darwin. Era mais difícil trabalhar em Darwin do que nas montanhas de Timor-Leste, e por muitas vezes foi-me dito que tinham tido de mudar de localização para evitar serem presos e ver o equipamento confiscado. E então o dia chegou e perdemos novamente a nossa única ligação de rádio com o mundo exterior.

Dennis Freney foi o pioneiro do primeiro movimento de solidariedade australiana para com Timor-Leste. Dennis Freney ajudou a estabelecer vários ramos da Campanha para a Independência de Timor-Leste na Austrália. Apesar de ser vigiado, monitorizado e perseguido por agências de informações e de segurança, Dennis Freney trabalhou de forma incansável para que o mundo soubesse que a nossa resistência era forte.

Distinguimos também o falecido Dr. Andrew McNaughtan, um médico que visitou Timor-Leste muitas vezes durante a década de 1990. Em Outubro de 1998 o Dr. Andrew McNaughtan conseguiu sair do país com todos os registos do exército indonésio em Timor-Leste. Estes registos mostraram que os números de efectivos tinham subido, contrariando assim as alegações de retirada militar. O Dr. Andrew McNaughtan trabalhou também de forma incansável para contar as histórias dos soldados australianos que combateram em Timor na Segunda Guerra Mundial, bem como dos timorenses que os ajudaram.

Um destes soldados, já falecido, foi Cliff Morris, um criador de gado leiteiro de Nova Gales do Sul. Com 21 anos combateu em Timor-Leste na Segunda Guerra Mundial, como

comando na 2ª/4ª Companhia Independente. Em 1976, Cliff Morris foi um de quatro australianos detidos, condenados e multados por tentarem navegar para Timor-Leste com medicamentos. Cliff Morris afirmou que a razão de apoiar o nosso povo era ter-lhe ficado a dever a vida durante a Segunda Guerra Mundial. Infelizmente, Cliff Morris morreu em 1998 sem nunca ter chegado a ver Timor-Leste independente.

Já hoje, tive também o privilégio de atribuir a Ordem de Solidariedade a quatro jornalistas australianos numa cerimónia realizada no Queen's Hall do Parlamento de Victoria. Três estiveram presentes, nomeadamente Jill Jolliffe, Fabio Cavadini e John Sinnott, sendo que Michelle Turner, infelizmente, também faleceu antes de poder chegar a ver Timor-Leste independente. Todas estas quatro pessoas deram contributos altruístas e importantes para a causa da liberdade de Timor-Leste.

Não posso falar da INTERFET sem referir alguns australianos que não conhecemos, porém que tiveram contributos absolutamente essenciais para podermos entender os eventos de 1999. Não sabemos os seus nomes, e talvez nunca os venhamos a saber, todavia estes australianos garantiram uma série constante de fugas de informações e materiais diplomáticos que revelaram a verdade da nossa situação e que deram ímpeto à nossa causa. Calculo que algumas destas fugas serão discutidas aqui hoje, ao procurarmos a verdade sobre este episódio dramático da nossa história regional.

Senhoras e senhores,

Embora a Guerra Fria tenha trabalhado contra nós, perto do final do milénio os eventos internacionais começaram a virar a nosso favor. Em 1997 a Crise Financeira Asiática espalhou-se pela nossa região e atingiu vários países do Leste Asiático. A Indonésia foi um dos países mais afectados, vendo a sua economia ruir, as taxas de câmbio cair a pique e a taxa de inflação disparar. Isto conduziu a motins e protestos disseminados e, à medida que a Indonésia começava a fraquejar, a resistência em Timor-Leste ganhava esperança renovada e começavam a ser organizadas manifestações. Com a Indonésia embrenhada numa crise económica o Presidente Soeharto viu-se obrigado a abdicar a 21 de Maio de 1998, após 30 anos no poder.

Assim, embora a Crise Financeira Asiática tenha criado dificuldades para os indonésios, também trouxe consigo grandes mudanças políticas que continuam hoje a ter uma importância global. Enquanto os timorenses estavam à beira de conquistar a sua independência, a Indonésia iniciava a sua transição para a democracia e a sua emergência como uma grande nação.

Após tantos anos de luta, a combinação das pressões internacionais e domésticas, os

tumultos internos e os custos da guerra deram-nos uma oportunidade para sermos livres. No dia 30 de Agosto de 1999, o nosso povo teve a oportunidade de decidir nas urnas o seu futuro, votando num referendo chamado de 'consulta popular', conduzido por uma Missão das Nações Unidas em Timor-Leste.

À semelhança de muitos eventos dramáticos na história mundial, este foi um dia que muitas pessoas pensaram que nunca haveria de chegar. Durante a luta seguimos com ansiedade o processo de referendo no Saara do Sul, o qual, incompreensivelmente, ainda hoje está por realizar. Falo disto porque durante a minha prisão domiciliária em Jacarta, o Chefe da UNAMET pediu-me para adiar o referendo, devido à crescente violência, e a minha resposta foi 'não', lembrando-lhe o caso do Saara Ocidental e afirmando que tínhamos aceitado todos os sacrifícios ao longo de duas décadas e que estávamos prontos para o último.

Penso que isto nos deve fazer pensar quando consideramos respostas para o nosso novo mundo de desordem. Se a história nos ensinou algo, é que o futuro é imprevisível. E se não tomarmos a decisão certa na altura certa, poderemos ter de esperar demasiado tempo para recuperar os estragos, se é que poderemos recuperar de todos. Se considerarmos os eventos que alteraram dramaticamente o mundo, como a queda da União Soviética, o surgimento da Crise Financeira Asiática, o desenvolvimento da internet, os ataques do 11 de Setembro, a Crise Financeira Global e a Primavera Árabe, vemos que foram no geral inesperados. Enquanto isso vemos as potências ocidentais a confrontarem-se com desafios novos e difíceis.

Senhoras e senhores,

O nosso Referendo foi um evento inspirador para o nosso povo, trazendo consigo a promessa da autodeterminação após muitos anos de luta. Embora conhecêssemos os desejos nos corações dos timorenses, conhecíamos também a situação no terreno e os riscos de um voto pela independência.

No dia 30 de Agosto os timorenses foram às urnas num acto colectivo de coragem e de determinação. O Referendo teve uma participação de 98,6%, com 78,5% dos eleitores a votarem pela independência. O povo timorense tinha conseguido aquilo que tantos nos tinham dito que nunca passaria de um sonho.

Hoje, o Referendo permanece como um testemunho da coragem e da dignidade do nosso povo. Sabíamos que um voto pela independência daria azo a actos de vingança e de retaliação. Após o anúncio dos resultados, no dia 4 de Setembro, começaram a surgir focos de violência que se espalharam por todo o país. Muitos morreram em resultado de uma campanha de terra queimada que deixou a maior parte do nosso país em ruínas.

Este foi um momento amargo para os timorenses, com a nossa alegria a transformar-se em desespero. Numa altura em que os nossos sonhos de liberdade se tornavam realidade, vimo-nos confrontados com mais brutalidade e mais medo. Os timorenses estavam desesperados. Não tínhamos a certeza de que a comunidade internacional fosse intervir com as forças de manutenção da paz de que tanto necessitávamos.

Nós, as FALINTIL, escolhemos não participar no processo eleitoral, sabendo que isso provocaria ainda mais violência do que a violência terrível que tinha precedido o referendo muitos meses antes da votação. Esta decisão estratégica não foi fácil de tomar, porém foi a decisão correcta. Não queríamos de forma alguma correr o risco de o referendo ser abandonado ou impugnado, pelo que as Falintil permaneceram nos quartéis.

Apesar do caos e do derramamento de sangue que se seguiram ao referendo, os nossos soldados da resistência permaneceram nos quartéis. Ainda que os guerrilheiros armados das FALINTIL pudessem ouvir os chamamentos angustiados do povo, não deixaram – não podiam deixar – os quartéis. Esse período nos quartéis comprovou a extraordinária disciplina dos nossos soldados. Foi uma altura de grande tormento para o nosso povo e para os nossos soldados, porém tínhamos aprendido as lições da história e sabíamos que se respondêssemos à violência, a situação no nosso país seria retractada como uma guerra civil. Esse período sem agir foi o derradeiro teste à nossa resistência.

Sabíamos que o mundo estava atento e que havia grande preocupação internacional em torno da nossa situação. Era também claro que precisávamos de ajuda para lidar com a nossa crise humanitária e de segurança, e que precisávamos de ajuda para restaurar a ordem. À medida que o nosso país ardia, a pressão para se fazer algo ia aumentando.

Estando eu a usar da palavra em Melbourne, sinto-me na obrigação de prestar tributo às mais de 40.000 pessoas que se manifestaram nesta cidade a 10 de Setembro de 1999. Por toda a Austrália seguiram-se outras manifestações com dezenas de milhares de pessoas a exigir que o nosso direito à autodeterminação fosse respeitado. Tenho também de agradecer ao movimento sindicalista da Austrália e aos seus membros que ficaram do nosso lado e que levaram a cabo acções efectivas para apoiar a nossa causa.

Preciso também, como é lógico, agradecer ao governo da Austrália por se ter comprometido a liderar o esforço internacional de manutenção da paz visando a restauração da ordem no nosso país.

Senhoras e senhores,

No seguimento de um convite e de uma autorização da Indonésia, a 15 de Setembro o Conselho de Segurança das Nações Unidas aprovou a Resolução 1264, apelando a uma força multinacional para restaurar a paz e a estabilidade. A 20 de Setembro de 1999 a INTERFET começou a posicionar-se no nosso país. Uma coligação de 22 países contribuiu para a INTERFET. A certa altura chegaram a estar envolvidos mais de 11.000 elementos.

Estou contente por ver os principais intervenientes de muitas destas nações a participar nesta conferência, incluindo a Nova Zelândia, a Tailândia e as Filipinas.

Como sabem, a INTERFET foi liderada pelo comandante da força, Major-General Peter Cosgrove, hoje Sir Peter Cosgrove, Governador-Geral da Commonwealth da Austrália, que se juntará a nós brevemente para apresentar o seu relato sobre a INTERFET.

O Major-General Cosgrove e eu estabelecemos uma boa relação de trabalho. Cedo percebi que estava diante de um homem moralmente íntegro e de um grande líder. Porém, foi preciso um incidente grave para ambos chegarmos a esse ponto. Tratou-se da questão do modo de operação entre a INTERFET e as FALINTIL, e foi este modo de operação que ajudou e possibilitou o sucesso da Missão da INTERFET. As FALINTIL não só tinham aceitado ser acantonadas, como tinham visto essa medida com bons olhos, por saberem que esse era um elemento essencial para que a INTERFET pudesse garantir a paz. O incidente que irei agora lembrar colocou a missão em risco.

Eram 23:00 do dia 18 de Novembro de 1999. Tinha caído na cama, após mais um dia exaustivo, quando o Comandante Riak foi mandado entrar. Visivelmente agitado, contou-me que um grupo de cerca de 20 soldados das FALINTIL estava a deslocar-se do seu acantonamento em Bobonaro para o acantonamento em Aileu, quando o seu camião se avariou em Díli. Nessa altura foram cercados por cerca de sete tanques e camiões cheios de soldados da INTERFET, que lhes confiscaram as armas de forma agressiva.

Sabia que tinha de agir e foi o que fiz.

No início da manhã seguinte um helicóptero aterrou em Aileu trazendo a bordo um oficial da INTERFET, que vinha com a missão de me tentar demover de realizar a minha visita de protesto a Díli. Recusei encontrar-me com ele e saí com os meus homens. Tinha uma pistola no coldre, presa à minha perna, e os meus homens tinham as suas armas. Se alguém quisesse desarmar os meus homens teria de me desarmar a mim também. Seguimos em caravana até sermos interceptados pela INTERFET em Dare (ironicamente, onde se situa o memorial à "Sparrow Force"). O Major-General Cosgrove tentou demover-me de prosseguir,

porém seguimos em frente. Continuámos na estrada em direcção a Díli até um local chamado Lahane, onde parámos para reabastecer de combustível. Os veículos da INTERFET montaram um bloqueio de estrada. Saímos dos nossos veículos e atravessámos o bloqueio a pé, com as forças da INTERFET a virem atrás de nós. O nosso povo começou a surgir em grande número, feliz por nos ver e a gritar “Viva Falintil”. Era uma situação ao mesmo tempo tensa e festiva. O Major-General Cosgrove pediu-me que não continuasse. Respondi-lhe que “No meu país não negociamos à beira da estrada. Falarei consigo no complexo da ONU, que é para onde nos estamos a dirigir.”

Marchámos rumo ao gabinete de Sérgio Vieira de Mello na Sede da UNTAET. O Major-General Cosgrove veio comigo. Expliquei então o incidente e o seu impacto. O Major-General Cosgrove explicou que a questão tinha resultado de um mal-entendido e que no futuro seria dada mais atenção aquando da identificação de qualquer grupo armado. Respondi-lhe dizendo, “Os seus homens são os salvadores do meu povo, General,” “Mas, por favor, não se esqueça que os heróis são os meus homens, as Falintil. Não aceitarei que sejam tratados como bandidos armados ou pequenos criminosos.”

A honra e a ordem foram assim restauradas com um aperto de mão. A estratégia estava novamente no eixo.

Graças à liderança inspirada do Major-General Cosgrove, a INTERFET goza actualmente de um estatuto lendário na história militar da Austrália.

A INTERFET foi acolhida de forma calorosa pelos timorenses e é hoje recordada com carinho. Libertou-nos de um período sombrio de violência e medo terríveis. Pôs fim a uma crise humanitária e permitiu ao nosso povo sair dos seus esconderijos nas montanhas e iniciar o processo de construção de um novo Estado democrático.

A INTERFET foi um enorme sucesso, trazendo a paz e restaurando a ordem em Timor-Leste e providenciando a estabilidade necessária para que a missão das Nações Unidas, a UNTAET, pudesse iniciar efectivamente as suas operações.

Para fins históricos, precisamos também registar o que referi acima, ou seja que os sucessos da INTERFET se deveram também à cooperação e ao apoio das FALINTIL. O apoio dado teve uma natureza estratégica. A nossa missão era permanecer no nosso acantonamento e, caso saíssemos, não levar connosco as nossas armas. Tínhamos a maturidade suficiente para perceber o que tinha de ser feito para o bem da nação. Era essa a nossa razão de ser, e não iríamos abandonar a nossa causa nesta etapa final da nossa luta pela independência. Sabíamos que a INTERFET precisava de ter capacidade plena para poder ter sucesso.

Os soldados das FALINTIL, que durante anos lutaram em condições difíceis para libertar o seu povo, acolheram as forças da INTERFET e ajudaram-nas na sua missão.

Quero também recordar que, apesar da carnificina à nossa volta, o saudoso Sérgio Vieira de Mello, o Major-General Peter Cosgrove, o Tenente-General Kiki Syahnakri e eu reunimo-nos na fronteira para discutir e acordar a melhor forma de garantir a paz. Esta reunião foi vital para o sucesso da Operação de Manutenção da Paz, já que sem esta colaboração e cooperação não teria sido possível chegar a bom porto. Para haver sucesso é necessário ter todas as partes sentadas à mesa, e foi isso que conseguimos. Estas dinâmicas e estes relacionamentos são uma “lição aprendida” para outras operações de manutenção da paz.

Quero ainda deixar uma palavra sentida ao SAS da Austrália, que percorreu o meu país ao meu lado, por carro ou por helicóptero, garantindo a minha segurança. O SAS é composto por soldados extremamente bem treinados e homens de grande calibre, dos quais a Austrália pode estar orgulhosa.

O povo timorense tem uma sensibilidade especial para expressar os seus sentimentos e para preservar as suas memórias. Um exemplo perfeito disto ocorreu no enclave de Oecusse, onde uma mulher estava a dar à luz em sua casa quando os tanques da INTERFET passaram à sua porta. Assim, em gratidão pela paz que as forças da INTERFET tinham assegurado, decidiu naquele momento chamar ao seu bebé INTERFET. Em resultado disto, existe hoje um adolescente a viver em Oecusse a quem os seus amigos puseram a alcunha de ‘Inter’.

Senhoras e senhores,

Em muitos aspectos, a INTERFET estabeleceu os alicerces para o relacionamento especial que temos hoje com a Austrália.

Para muitos timorenses, a visão dos soldados australianos em 1999 corrigiu o erro histórico do reconhecimento da anexação de Timor-Leste por parte da Indonésia. Os australianos da INTERFET eram estimados nas ruas pelo nosso povo. A sua maneira de ser simples e a sua abordagem profissional deram confiança ao nosso povo e fizeram os timorenses começar a olhar para a Austrália de uma forma nova e positiva.

Foi também em resultado da intervenção da INTERFET que muitos australianos começaram a estabelecer ligações com distritos em Timor-Leste. Os conselhos locais em muitas partes da Austrália estabeleceram acordos de ‘cidade amiga’ com diversos locais em Timor-Leste, sendo também que muitas escolas australianas começaram a construir ligações com

escolas em Timor-Leste. Temos agora tantas ligações entre pessoas que criámos laços profundos de amizade e solidariedade entre os nossos países. Quero aqui referir o nosso Embaixador na Austrália, Abel Guterres, pela sua iniciativa a este respeito.

Senhoras e senhores,

O sucesso da INTERFET constitui um modelo para operações de manutenção da paz.

Vivemos hoje num mundo confuso – um novo mundo de desordem. Por todo o globo vemos conflitos e perturbações que a comunidade internacional parece relutante ou incapaz de resolver. Vimos que o uso da força nem sempre é a forma mais eficaz de lidar com tensões enraizadas e conflitos que, na sua essência, são alimentados pela pobreza, pela injustiça, pela ignorância e pela marginalização. Infelizmente vemos nações poderosas a agir para conseguir soluções a curto prazo que defendam os seus interesses estratégicos, em vez de optarem por envolvimento significativos que abordem as causas subjacentes às situações de conflito e de fragilidade.

A INTERFET foi uma luz brilhante na história dos envolvimento militares internacionais para trazer paz e ordem. É assim um modelo que deve ser observado pelos líderes mundiais aquando da consideração de intervenções militares internacionais. Todavia, em muitos aspectos a INTERFET beneficiou de um conjunto de circunstâncias únicas, incluindo um convite do governo da Indonésia, o facto de ter sido estabelecida de acordo com o direito internacional e com o endosso do Conselho de Segurança, uma população local que acolheu a intervenção internacional, uma coligação regional e internacional ampla, forças adequadas para realizar a missão e, algo que é muito importante, uma liderança magnífica. Tratava-se igualmente de uma causa justa e digna.

Senhoras e senhores,

Esta conferência dá-nos a oportunidade não só de reflectir sobre a crise de 1999 como também de considerar diferentes perspectivas com vista a um relato adequado da história de Timor-Leste e da intervenção da INTERFET.

Uma coisa que todos devemos recordar é o papel que a INTERFET teve na construção das bases para a reconciliação entre os timorenses e para a reconciliação com a Indonésia, ajudando ao estabelecimento de uma sociedade tolerante e pacífica em Timor-Leste. Esta era a única condição necessária para uma democracia vibrante e livre que contribui para uma economia em crescimento que está a melhorar as condições de vida dos timorenses.

Muito obrigado.

20 de Setembro de 2014
Kay Rala Xanana Gusmão